

## A moralidade como fonte da criatividade no mundo

Rudolf Steiner

GA 202\* Décima primeira conferência Dornach, 18 de dezembro de 1920

Tradução: Salvador Pane Baruja, 28/06/2023

Uso particular e sem fins lucrativos

Ontem<sup>NT</sup> tentei apresentar alguns aspectos da constituição geral do ser humano com o intuito de, no final, chamar a atenção para a maneira de como, por meio de uma observação integral e objetiva da natureza humana, pode ser lançada uma ponte entre o que encontramos no ser humano como sendo a sua organização exterior e aquilo que, através da auto consciência, desenvolvemos no nosso interior. Geralmente, essa ponte não existe ou existe de maneira muito falha, especialmente falha na atual ciência voltada para a exterioridade.

Observamos então que, para lançar essa ponte, deve ficar clara a forma como se observa a organização do ser humano. Vimos que, tudo o que hoje é única e exclusivamente observado, pelo menos o sólido e o sólido-líquido que a ciência devotada à exterioridade observa seriamente como organizado, deve ser visto como sendo um organismo. Mas nós devemos igualmente reconhecer que {também} existem os organismos dos éteres líquido {fluído}, aéreo {arejante} e calórico {calor}<sup>NT</sup>. Desta maneira, temos a possibilidade de ver como os membros da essência humana que estamos acostumados a observar também agem como tais nessa sutil organização {que abrange igualmente os organismos acima citados}.

Claro que tudo isso faz parte do corpo físico, exceto o éter calórico. Mas o corpo etérico intervém prioritariamente no líquido corporal {humor}, em tudo que está organizado no organismo como líquido. O corpo astral intervém no organismo em tudo que está organizado como ar. E o Eu intervém no organismo prioritariamente em tudo que está organizado como calor. Destartes, de certa forma, ainda ficamos ao nível físico, mas também ganhamos a possibilidade de, a partir do físico, chegarmos inclusive ao espiritual.

Por outro lado, {na conferência de ontem} tínhamos observado a consciência. Eu disse que, geralmente, somente consideramos como tal aquela consciência que conhecemos a partir dos momentos que vivemos entre o despertar e o adormecer. Ao percebermos os objetos que existem ao nosso redor, os combinamos com a razão, sentimo-nos à vontade nela e vivemos nos nossos impulsos volitivos. Só que vivenciamos toda essa complexa consciência como algo com qualidades muito diferentes de tudo o que existe ao nível físico, que é o único observado pela ciência voltada para a exterioridade. E não é nada simples como parece lançar a ponte entre essas vivências absolutamente incorpóreas, que existem em nossa consciência, e as outras concepções, ou seja os outros objetos perceptíveis, que são observadas pela Fisiologia física ou pela Anatomia física.

---

NT: As 16 conferências reunidas nesta obra completa foram proferidas por Rudolf Steiner de 26 de novembro a 26 de dezembro de 1920 em várias cidades suíças. O conferencista não leu previamente os textos divulgados como conferências avulsas já a partir de 20 de dezembro do mesmo ano. A atual seleção de conferências só foi publicada em 1970. O título da presente tradução ao português consta do sumário da mesma conferência editada em 1988.

NT: Steiner refere-se explicitamente ao “éter calórico”, que tem um lado telúrico e um outro cósmico, na conferência de 27 de outubro de 1923, na obra *O ser humano, consonância do verbo criador, construtor e formador* Rudolf Steiner-Nachlaßverwaltung Dornach sétima edição 1993 p. 81 (GA 230). Usa-se daqui em diante indistintamente “éter calórico”, “calor” e “calórico” como sinônimos. Na ciência convencional, o conceito de calórico faz parte da hipótese surgida no século XIX sobre o elemento que gera, possui e transmite calor, expressão ainda contida na palavra caloria, que atualmente designa uma unidade de calor. As observações do tradutor são apresentadas entre chaves {}.

Mesmo em relação à consciência, além da consciência diurna comum e corrente, nós também já conhecemos na vida do cotidiano a consciência do sonho. Ontem mostramos como, na sua essência, os sonhos são imagens ou imagens sensoriais de processos orgânicos interiores. Algo vive permanentemente em nós e isso se expressa como imagens nos sonhos. Eu disse que nós sonhamos com serpentes que se enroscam quando temos dores no intestino e que, quando sonhamos com um fogão aceso, acordamos depois com palpitações no coração. O fogão aceso simboliza o coração que funciona irregularmente; as serpentes, os intestinos, etc.

O sonho nos remete ao nosso organismo. A consciência durante o sono fica abafada e, portanto, pode-se dizer que, para o ser humano, tudo isso {que ocorre durante o sono} não constitui uma vivência. Ontem mostrei a necessidade da pessoa contar com esse invívido para justamente sentir-se ligada à própria corporalidade. A pessoa não sentiria o seu Eu ligado à sua corporalidade se não abandonasse o seu corpo, se não voltasse a procurá-lo ao acordar, e, dessa maneira, passa a se sentir unida ao corpo justamente por haver sido privada de vivenciar o que ocorre entre o adormecer e o acordar. Assim, somos levados da consciência diurna cotidiana, que nada mais faz do que nos fornecer a percepção e a representação mental, para a consciência do sonho, que tem a ver com o que já existe no nosso corpo.

Somos levados, portanto, para o corpo. Quando adentramos a consciência adormecida desprovida de sonhos, somos então levados mais fundo ainda no corpo. Assim, podemos dizer que, de um lado, observamos o anímico, que nos leva ao corpo. Do outro, observamos a corporalidade de tal forma que quando ela se apresenta sob a organização do líquido humoral, do aéreo {arejante} e do calórico {têrmico}, ou seja quando ela se torna mais sutil, ela nos conduz ao anímico. Estes aspectos devem ser considerados, se quisermos efetivamente chegar a uma satisfatória visão de mundo do ser humano.

Há semanas que lidamos com a questão fundamental da visão de mundo do ser humano, na medida em que tentamos repetidas vezes saber qual é relação da moral, da ordem moral universal, com a ordem física do mundo. Já dizemos frequentemente que a atual visão de mundo, que se baseia na Ciência Natural para conhecer o mundo sensorial exterior, só pode achar apoio em confissões religiosas muito antigas quando trata de atingir um conceito abrangente do anímico, pois essa visão de mundo não possui uma ponte nessa direção e a Psicologia {em 1920} nada mais sabe da alma. Para essa visão de mundo, existe o mundo físico, que, segundo ela, surgiu de uma nuvem primordial, da qual tudo se formou, e para a qual retornará sob a forma de escórias do mundo.

Essa é a imagem exterior que a atual corrente científica apresenta desse devir, que, para o cientista honesto de nossa época, pode parecer a única realidade. Em meio a essa imagem, não há lugar para a ordem moral universal. O ser humano recebe na sua alma os impulsos morais como impulsos anímicos. Mas, se for como a Ciência Natural apregoa, tudo o que se mexe e vive {no mundo} partiu mesmo da nuvem primordial, incluindo o ser humano, que recebe os ideais morais. Quando finalmente o mundo retornar ao estágio de escória, então tudo isso será um imenso cemitério de ideais morais, que dessa forma vão desaparecer.

Não há como achar uma saída {para essa visão de mundo} e, pior ainda, o homem coerente logo vê que a verdadeira moralidade da ordem universal não pode partir da ciência da atualidade. Somente se esta ciência for incoerente {com seus próprios postulados} é que poderá prevalecer a ordem moral universal. Mas como ela é coerente então realmente não consegue {realizar isso}. Tudo isso tem a sua origem no fato de que, no fundo, de um lado, a ciência só conta com uma Anatomia do elemento sólido e não considera que o ser humano também possui uma organização do líquido, uma organização do aéreo e uma organização do calórico.

Se os senhores criarem a imagem mental de que estão constituídos de ossos, músculos e nervos, ou seja da organização do sólido, mas também da organização do líquido e da organização do aéreo, que flutua e se movimentava, e ainda da organização do calórico, então os senhores poderão realmente entender o que eu apresento a partir das observações da Ciência Espiritual.

Vamos imaginar que uma pessoa se entusiasma por um elevado ideal moral. Ela pode realmente entusiasmar-se interiormente, anímicamente, por um ideal moral, pelo ideal do bem estar, pelo ideal da liberdade, do bem, do amor e outros ideais. Ela pode entusiasmar-se, em casos concretos, por aquilo que um ideal pode significar. É evidente que ninguém pode imaginar que o entusiasmo da alma chegará aos ossos ou aos músculos, enquanto se considerar que estas partes {do corpo humano} só existem da forma como a Fisiologia e a Anatomia atualmente as apresentam.

Mas os senhores vão conseguir imaginar, desde que se perguntem interiormente de maneira correta, que realmente é assim que, quando o ser humano se entusiasma por um elevado ideal moral, esse entusiasmo interior influi no organismo calórico. E assim já se passou do anímico para o físico! Pode-se, portanto, dizer que os ideais morais se expressam por meio de uma elevação do calor no organismo calórico. O ser humano sente não somente um aumento do calor anímico, mas também no seu interior através do que vivencia como ideais morais, mesmo que isso não seja facilmente comprovado por meio de aparelhos físicos (veja quadro na página 5). Isso age estimulando o organismo calórico {dessa pessoa}.

Os senhores devem imaginar isso como um processo concreto: o entusiasmo por um ideal moral significa a vivificação do organismo calórico. Quando a alma arde por um ideal moral, o organismo calórico torna-se mais vivo. Isto também atinge as outras constituições orgânicas do ser humano. Além do organismo calórico, que de certa forma é o seu mais elevado organismo físico, este também conta com o organismo do ar. A pessoa inspira e expira, mas enquanto ela inspira e expira o ar permanece no seu interior e, assim, o ar está em movimento, está circulando no interior da pessoa. Isto também constitui uma organização, um verdadeiro organismo do ar, que vive na pessoa assim como o organismo calórico.

Na medida em que um ideal moral vivifica o calórico, este age em todo o corpo, inclusive no organismo aéreo. Contudo, quando o calor é vivificado no organismo calórico, a sua ação no organismo aéreo não se limita apenas a aquecer, mas também a espalhar o que eu chamo de uma fonte de luz. De certa forma, germes de luz se espalham pelo organismo aéreo, de tal forma que os ideais morais, que agem agitando o organismo calórico, geram fontes de luz.

Aliás, a consciência convencional, a percepção convencional, não capta essas fontes de luz, mas elas surgem no corpo astral humano. Se os senhores permitirem o uso de uma expressão da Física, essas fontes de luz estão ligadas ao próprio ar que circula no interior do ser humano. Elas são, de certa forma, ainda luz escura, assim como o germe de uma planta ainda não constitui a planta desenvolvida. Na medida em que o ser humano se entusiasma por ideais morais ou por processos morais, aí então ele carrega em si mesmo uma fonte de luz. Nós temos um outro organismo, o organismo do elemento líquido. Na medida em que o calor do organismo calórico age e, a partir do ideal moral, dilui aquilo que, mesmo permanecendo inicialmente escondido, pode ser chamado de fonte de luz, ele se dilui no organismo líquido, porque tudo o que constitui o fundamento dos sons exteriores do ar se espalha pela organização humana.

O ar é apenas o corpo dos sons, disse eu ontem, e então quem procura a essência do som somente nas oscilações do ar só fala de sons, da mesma maneira como quem fala do ser humano e só se refere ao corpo visível. A luz com suas ondas oscilantes nada mais é do que o corpo exterior dos sons. Esse som espiritual não se dilui no organismo aéreo do ser humano, mas é diluído pelo ideal moral justamente no organismo líquido. Portanto, é aqui que as fontes de som são diluídas. E, de certa forma, nós consideramos o organismo sólido como o mais sólido de todos os demais organismos, aquele que sustenta e carrega os outros.

Nele dilui-se também algo, a exemplo dos outros organismos, mas no organismo sólido o que vem a ser o que poderíamos chamar de o germe da vida, na verdade o embrião etérico, não o embrião físico que se separa do organismo feminino humano depois do parto, mas é o embrião etérico da vida que se separa. Aquilo que vive como o embrião etérico da vida permanece lá embaixo no mais profundo subconsciente; mesmo as fontes de som {espiritual} e, de certo modo, as fontes de luz {permanecem no subconsciente}. Isso fica escondido da consciência do dia a dia, mas permanece no {interior do} ser humano.

Imaginem que todas as idéias morais que os senhores direcionaram ao longo da vida para a alma, seja como impulsos morais simpáticos tidos como meras idéias, seja o que viram em outras pessoas, seja que chegaram a um certo grau de satisfação interior por ter ligado isso à ação pessoal, na medida em que esses ideais morais inflamam o agir, tudo isso desce à organização aérea sob a forma de fontes de luz, como fontes de sons à organização líquida e chega como fontes de vida à organização sólida.

De certa forma, tudo isso se descola da consciência que a pessoa desenvolve. Mas o ser humano o carrega consigo. E só se separam quando, após a morte, o ser humano abandona a sua organização física. A princípio, os mais puros ideais morais, as mais puras idéias, que se diluem na nossa organização não são frutíferos. Na vida entre o nascimento e a morte, as próprias idéias morais são frutíferas, na medida em que ficamos na vida das idéias e temos uma certa satisfação por aquilo que realizamos moralmente. Só que isso apenas tem a ver com a lembrança, mas não com o que penetra na organização {humana} devido a que somos simpáticos a ideais morais.

Vemos aqui como de fato a nossa organização geral, começando pelo nosso organismo calórico, é penetrado pelos ideais morais. Quando após a morte separamos os nossos corpos etérico e astral e nosso Eu do corpo físico, então esses nossos membros superiores da natureza humana estão compenetrados pelas impressões que tivemos {durante a vida entre o nascimento e a morte}. Nós estivemos {presentes na vida na Terra} com o nosso Eu no nosso organismo calórico, na medida em que com os ideais morais vivificamos nossa própria organização calórica. Nós estivemos no nosso organismo aéreo, onde foram implantadas as fontes de luz, que, após a morte, nos acompanham ao cosmos. Nós tínhamos agitado o som no nosso organismo líquido, que se une à música das esferas, com a qual ressoamos no cosmos. Na medida em que passamos pelo limiar da morte, levamos vida para lá fora.

Chegando a este ponto, os senhores já pressentem o que realmente é a vida que se derrama no mundo. Onde se encontram as fontes da vida? Elas se encontram naquilo que agita os ideais morais, que agem gerando entusiasmo no ser humano. Devemos dizer que, quando hoje deixamos que os ideais morais nos levem a um ardoroso entusiasmo, a vida é tomada pelos sons e pelas luzes criadores do mundo. Assim, nós difundimos o elemento criador do mundo e a sua fonte é a moralidade.

Como os senhores podem ver, quando observamos integralmente o ser humano encontramos uma ponte entre os ideais morais e aquilo que age, inclusive quimicamente, vivificando o mundo exterior. Pois é o som que age quimicamente, de tal forma que une as substâncias e as analisa separadamente. O que ilumina o mundo tem a sua origem nos estímulos morais, no organismo calórico humano. Olhando para o futuro, vemos que lá surgem formas universais. Assim como as plantas devem voltar ao germe, no caso dos mundos futuros também devemos voltar aos germes, que existem em nós mesmos como sendo os ideais morais.

Observem agora os senhores as idéias teóricas em comparação com os ideais morais. Mesmo que as idéias que permanecem como teorias sejam muito significativas, elas agem de maneira diferente. Neste caso, temos de fato uma desaceleração, um esfriamento do organismo calórico (veja quadro abaixo). Portanto, podemos dizer que as idéias teóricas agem esfriando o organismo calórico. Essa é a diferença entre elas e os ideais morais quanto à ação delas no organismo humano. As idéias morais ou as idéias organizadas segundo a moral e a religião geram em nós o entusiasmo que, na medida em que se transformam em impulsos da nossa ação, agem de maneira criativa no mundo. As idéias abstratas agem inicialmente desacelerando, esfriando, o organismo calórico. Logo, também agem desmobilizando o organismo do ar e as fontes de luz, a formação da luz. Ainda, agem abafando o som e extinguindo a vida. Assim, as nossas idéias teóricas levam ao fim aquilo que foi criado no universo primevo. Na medida em que formamos idéias abstratas, morre um universo nelas e assim levamos em nosso interior um universo em extinção, um universo que se desfaz.

#### Quadro

<b>Os ideais morais agem</b>		<b>As idéias teóricas agem</b>
estimulando o organismo calórico	(4)	esfriando o organismo calórico
desencadeando fontes de luz no organismo aéreo	(3)	paralisando o surgimento de luz
desencadeando fontes de som no organismo líquido	(2)	matando os sons
desencadeando germes (etéricos) de vida no organismo físico	(1)	extinguindo a vida

É a partir deste ponto que o iniciado nos mistérios do universo não pode falar como muitas pessoas o fazem de que a energia ou a matéria é constante. Simplesmente não é verdade que a matéria permanece constante. A matéria se desfaz até desaparecer. A energia se desfaz até desaparecer no nosso próprio organismo, porque nós pensamos teóricamente. E nós não seríamos seres humanos se não pensarmos teóricamente, se o universo não fenecesse permanentemente em nós. É através do fenecer do universo que nós somos seres humanos autoconscientes, que podemos formular pensamentos sobre o universo. Mas, na medida em que o universo se pensa a si mesmo em nós, ele já é um cadáver.

O pensamento sobre o universo é o cadáver do universo. Só temos consciência do universo quando ele é como um cadáver, o que nos torna seres humanos. Portanto, um mundo passado, que inclui a matéria, que inclui a energia, fenece {constantemente} em nós. E, como imediatamente uma nova matéria surge, não percebemos a matéria que fenece e volta a surgir. O pensar teórico leva a materialidade no ser humano até o fim. A materialidade e a energia universal são revivificadas pelo pensamento moral. É dessa forma que o que ocorre dentro da pele humana intervém no fenecer e no surgimento do universo. É assim que o elemento moral e o elemento natural se unem. O elemento natural fenece no ser humano, na moralidade surge um novo elemento natural.

Inventou-se a idéia da imortalidade da matéria e da energia porque não quiserem considerar estas questões. Se a energia fosse imortal, se a matéria fosse imortal, não existiria uma ordem moral universal. Quer-se esconder isto a qualquer custo e a atual visão de mundo tem suas razões para agir assim, porque na verdade ela gostaria de eliminar a ordem moral universal, que é eliminada quando se fala da lei da preservação da matéria e da energia. Pois se a matéria, se a energia, for preservada de alguma maneira, então a ordem moral universal nada mais seria do que uma ilusão, uma estrutura aparente. Somente pode-se entender a evolução global do universo quando se aceita que a partir dessa “estrutura aparente” da ordem moral universal surgem os novos universos, pois inicialmente estes vivem nos pensamentos. Só que nada disso surge enquanto se observa apenas as partes sólidas da organização do ser humano, mas somente quando se passa a considerar também os organismos líquido e aéreo até chegar ao organismo calórico. A relação entre o ser humano e o mundo só pode ser entendida quando de certa forma se acompanha o elemento físico até esmiuçá-lo, refiná-lo, até o ponto onde esse elemento físico refinado age diretamente no anímico, como é o caso do éter calórico.

É assim que se encontra a relação entre a matéria e a alma. Mesmo que muitos tratados de Psicologia reafirmem as observações da Fisiologia e da Anatomia da atualidade, não é possível encontrar neles a passagem dos corpos sólidos ou sólido-líquidos ou mole-sólidos para o anímico, que, segundo essa concepção, não parece ser anímico de jeito nenhum. Mas, quando se acompanha o elemento sólido até o éter calórico, aí é possível achar a ponte até aquilo que existe como calor nos corpos, até aquilo que a partir da alma age no éter calórico do próprio organismo humano.

O calor encontra-se exteriormente nos corpos; interiormente, está no organismo humano. Na medida em que o calor está organizado em si mesmo no ser humano, a alma intervém no anímico-espiritual, nesse organismo calórico e, utilizando o calor como atalho, tem acesso à moralidade que vivemos interiormente. Evidentemente, quando eu falo de moralidade, não me refiro somente àquilo que o pequeno burguês entende como tal, mas à totalidade da moralidade, inclusive àqueles impulsos que, por exemplo, recebemos quando observamos a grandiosidade do cosmos, quando dizemos: nós nascemos do cosmos, somos responsáveis pelo que ocorre no mundo, e se nos entusiasmos passaremos no futuro a agir a partir do conhecimento da Ciência Espiritual.

Principalmente se considerarmos a própria Ciência Espiritual como uma fonte de moralidade, poderemos nos entusiasmar pelo que é moral e, assim, o entusiasmo que age a partir do conhecimento da Ciência Espiritual será ao mesmo tempo a fonte daquilo que em sentido elevado é a moralidade. Mas o que geralmente é considerado como moral é apenas um segmento inferior dessa totalidade. Todas as idéias que temos sobre o mundo exterior e sobre a ordem natural, que são idéias acabadas, são idéias teóricas. Podemos nos representar matematicamente e mecânicamente uma máquina, bem como também o universo no sentido do sistema copernicano, mas as idéias teóricas que assim geramos são a força da morte {agindo} em nós, o cadáver do universo, que se apresenta em nós como pensamento, como representação.

Estes temas geram cada vez mais um conhecimento da totalidade, da totalidade do universo. Não existem duas ordens lado a lado, uma ordem natural e uma ordem moral, mas ambas constituem uma unidade. É isso que o ser humano da atualidade precisa compreender, pois, caso contrário, vai ficar parado pensando: o que faço com os meus impulsos morais num mundo que somente tem uma ordem natural? Essa foi a questão que pesou na alma das pessoas do século XIX e início do XX: como pode-se pensar uma transição da ordem natural para a ordem moral? Somente a compreensão da Ciência Espiritual poderá contribuir para resolver esta inquietante questão existencial, olhando, de um lado, para a natureza e, do outro, para o espírito.

Quando as precondições para chegar a esses conhecimentos forem preenchidas, então será possível enfrentar aquilo que se apresenta como a ciência exterior em certas áreas da vida e que hoje em dia já achou espaço na consciência popular. Atualmente, a base da nossa noção do mundo é a visão de mundo de Copérnico. Aliás, a igreja católica desaprovou até 1827 esta visão copernicana, ampliada por Kepler e que Newton<sup>1</sup> a transformou em teoria. Até esse ano, não era permitido a nenhum católico praticante crer nela. A partir daí, foi-lhe permitido crer. Só que, claro, ela foi transmitida de tal forma à consciência popular que hoje em dia quem não acredita no universo conforme essa visão copernicana do mundo é considerado um pateta.

O que é, afinal, essa visão copernicana do mundo? Podemos dizer que é algo que somente pode ser elaborado a partir de princípios, pressupostos e concepções matemáticos. Ela se desenvolveu lentamente no interior da visão de mundo da Grécia {antiga}, que ainda tinha restos das velhas orientações do pensamento<sup>2</sup>, por exemplo da percepção ptolemeica do mundo, mas que continuou evoluindo até chegar ao que hoje em dia é ensinado a todas as crianças como sendo a visão copernicana do mundo. A partir dessa visão, podemos olhar para antigas épocas da humanidade.

Nós temos uma outra imagem do mundo. Dela só ficou aquilo que hoje em dia é preservado por tradições baseadas num autêntico dilentatismo, assim como as pessoas hoje imaginam que existe a Astrologia e semelhantes. Isto é o que restou da antiga Astronomia ou aquilo que ficou ossificado, endurecido, o que certas sociedades secretas, sociedades maçônicas e parecidas, mantêm em seus símbolos. Em geral, as pessoas não sabem que isso vem a ser o resto de velha Astronomia<sup>3</sup>. Ela era uma outra Astronomia, uma Astronomia que simplesmente não se baseava em meros princípios matemáticos, como é o caso da moderna Astronomia, mas que surgiu a partir de antigas contemplações clarividentes.

Hoje temos representações absolutamente equivocadas sobre a maneira como a humanidade mais antiga chegou às suas representações astronômico-astrológicas. Ela chegou através de certas contemplações instintivo-clarividentes do universo. Os mais antigos povos pós-atlantes captavam imagens e seres espirituais nos corpos celestes, assim como hoje em dia o ser humano só enxerga um corpo celeste como simples forma física. Quando os membros dos antigos povos falavam de corpos celestes, planetas e constelações, referiam-se a seres espirituais.

Atualmente, as pessoas imaginam que o Sol é uma bola de gás em chamas qualquer, que ilumina o mundo porque é uma bola de gás em chamas. Os povos antigos acreditavam que o Sol era um ser vivo e viam naquilo que os seus olhos enxergavam como sendo o Sol apenas a expressão física exterior desse ser espiritual onde eles achavam que estava o Sol lá no cosmos. O mesmo se dava com outros corpos celestes. Nós devemos imaginar que houve um tempo, que acabou muito antes de ocorrer o Mistério do Gólgota, quando tudo o que existia lá no espaço cósmico, no Sol, nas estrelas, era visto como sendo uma entidade espiritual. Eu diria ainda que houve um tempo intermediário, durante o qual as pessoas não sabiam mais direito como deveriam se representar tudo isso, pois, de um lado, enxergavam os planetas como algo físico, mas, por outro lado, ainda pensavam que eles eram animados por almas.

---

1 Nicolau Copérnico (1473-1543), João Kepler (1571-1630) e Isaac Newton (1643-1727).

2 O principal representante do sistema heliocêntrico na Antiguidade foi Aristarco de Samos, que viveu em torno do ano 250 antes do Cristo.

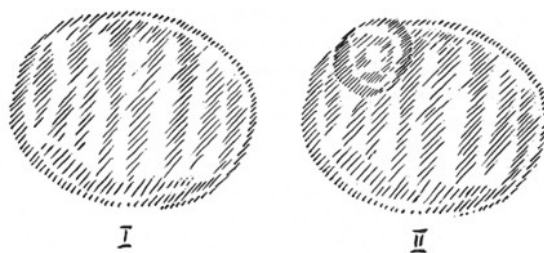
3 No contexto da conferência, fica claro qual é o sentido atribuído à palavra Astronomia. Na conferência de 26 de dezembro de 1920 (desta edição), Rudolf Steiner disse “(...) a antiga Astronomia, que eu chamaria de Astrologia (...)”. Em outros contextos, ele usou a expressão Astrosofia.

Nesses tempos, nos quais não existia mais a consciência de como o físico passa gradualmente para o anímico, e como o anímico gradualmente passa para o físico, ou seja que no fundo ambos eram uma unidade, foi instituído, de um lado, o físico e, do outro, o anímico. Tudo isso era pensado em conjunto, assim como hoje em dia muitos psicólogos, bom, aqueles psicólogos que conseguem chegar a pensar o anímico, acham que o físico e o anímico existem no ser humano, o que evidentemente leva a um pensamento absurdo. Ou como o Paralelismo psico-físico<sup>4</sup> acredita nisso, o que nada mais é do que quando uma pessoa fala de maneira tola sobre algo que não conhece.

Depois, veio o tempo quando os corpos celestes eram vistos como entidades físicas que se movimentam em órbita conforme leis matemáticas ou permanecem imóveis, se atraem ou se repelem e por aí afora. Aliás, nos tempos mais antigos existia um saber instintivo sobre como essas coisas realmente são. Agora, chegou-se ao ponto de que esse saber instintivo não é suficiente para alcançar em plena consciência esse saber instintivo de antigamente.

Se {fosse possível} consultarmos às pessoas que contemplavam integralmente o cosmos, ou seja que o contemplavam física e espiritualmente, como elas se representavam o Sol, então poderíamos dizer o seguinte: elas se representavam o Sol inicialmente como uma entidade espiritual (desenho I). Esta entidade espiritual era pensada pelos iniciados como sendo a fonte de toda a moralidade. Eu disse em meu livro *A Filosofia da Liberdade*<sup>NT</sup> que as intuições morais surgem dessa fonte, elas surgem do interior da Terra, elas resplandecem no ser humano, naquilo que pode viver no ser humano como o entusiasmo moral (II).

### Desenhos I e II



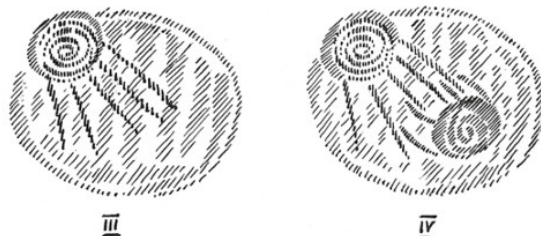
Pensem os senhores como aumentaria a nossa responsabilidade se soubermos que, se não existisse ninguém na Terra cuja alma se entusiasmasse por uma verdadeira moral ou mesmo por ideais espirituais, não poderíamos contribuir para a evolução do nosso mundo, para uma nova criação, mas que então assim o mundo ficaria atrofiado. Essa força luminosa (desenho 3) que existe aqui na Terra age até no cosmos.

4 Veja as obras de Gustav Theodor Fechner *Elemente der Psychophysik*, Leipzig 1860. Wilhelm Wundt *Über psychische Kausalität und das Prinzip des psychophysischen Parallelismus*, Philos. Studien, Band X, 1894, entre outras.

NT: *A Filosofia da Liberdade*, Fundamentos para uma filosofia moderna, tradução de Marcelo da Veiga, Editora Antroposófica, São Paulo, 4. edição, 2008.



## Desenhos III e IV



Aliás, a percepção humana convencional não pode perceber como a moralidade que vive no ser humano na Terra emana {até o cosmos}. Efetivamente, se uma época triste cobrisse toda a Terra, durante a qual milhões e milhões de pessoas vivessem sem espiritualidade – aqui a moralidade é pensada juntamente com a espiritualidade, porque assim é – mas se existisse somente uma dúzia de pessoas com claro entusiasmo moral-espiritual então a Terra irradiaria uma espiritualidade solar. Vale lembrar que aquilo que irradia só chega até uma determinada distância.

Nessa distância, o que irradia se espelha, de certa forma, em si mesmo e aqui surge a imagem espelhada daquilo que irradia do ser humano. Essa imagem espelhada era vista pelos iniciados de todos os tempos como sendo o Sol. Não é nada físico, como eu já disse repetidas vezes. Aquilo que a Astronomia exterior fala que é uma bola de gás ardendo é apenas a imagem refletida do espiritual, que se apresenta fisicamente (IV)

Os senhores observem que a visão copernicana de mundo e mesmo a antiga Astrologia estavam muito distantes daquilo que, por sua vez, era o segredo iniciático. Como estes temas estavam entrelaçados entre si, fica claro ao se ver que, na época em que os grupos de pessoas que tinham uma força muito grande achavam que essas verdades eram perigosas para o povo e por isso não queriam divulgá-las, acharam uma forma indireta de matar um idealista como *Juliano* {no original}, chamado de “o Apóstata”<sup>5</sup>, justamente por querer revelá-las. Existem mesmo razões pelas quais certas sociedades secretas não permitem que segredos profundos sejam comunicados ao mundo, porque assim elas exercem um certo poder {no mundo}.

Se na época do imperador *Juliano* certas sociedades secretas protegiam com tanta violência seus segredos ao ponto que mandaram matá-lo, não devemos ficar admirados que os guardiões de determinados segredos, que não somente evitam divulgá-los, mas também evitam que a massa chegue a saber a forma como exercem esse poder, ficam com ódio quando apenas uma parte desses segredos torna-se conhecida. Os senhores podem ver aqui um pouco das profundas razões pelas quais se levanta no mundo um ódio terrível contra aquilo que a Ciência Espiritual na atualidade se sente obrigada a transmitir à humanidade.

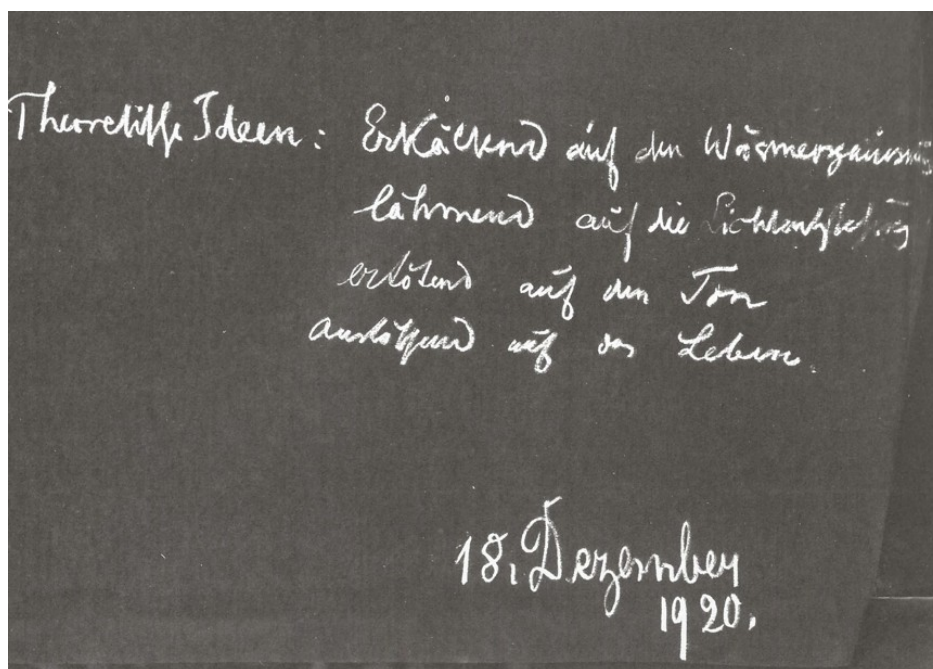
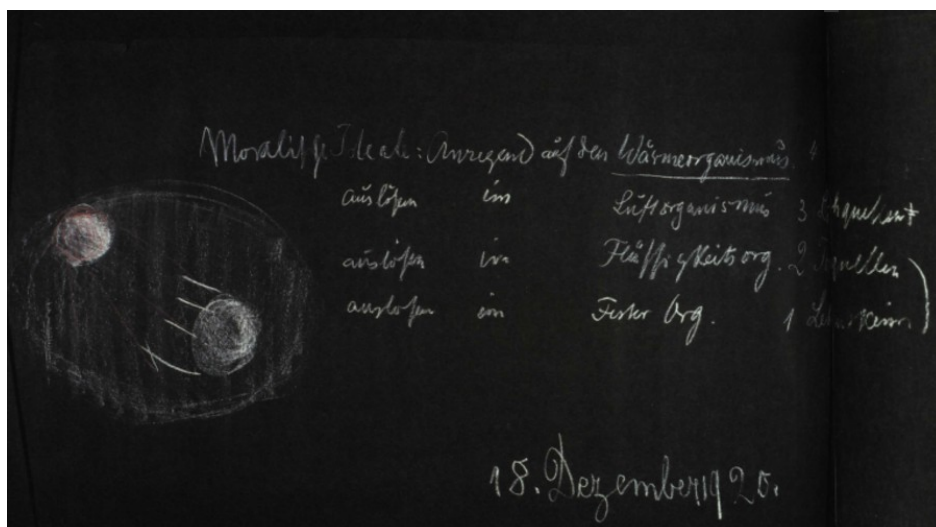
5 Flávio Cláudio *Juliano* foi imperador romano de 331 a 363.

Mas vivemos numa época em que ou a civilização na Terra vai acabar ou a humanidade vai ter acesso a certos segredos da Terra. São esses temas que, de certo modo, até agora eram mantidos em segredo e que foram divulgados à humanidade através da clarividência instintiva, mas que agora devem ser conquistados pela contemplação consciente, não somente no plano físico, mas também no espiritual, que está no físico! Afinal, o que queria Juliano, o Apóstata? Ele queria que as pessoas soubessem que estavam sendo gradualmente levadas a se acostumar a ver somente o Sol físico, mas que existe um Sol espiritual e o {Sol} físico é apenas um reflexo do espiritual!

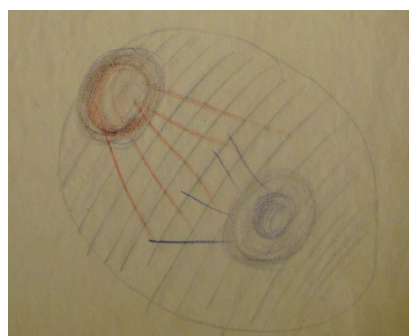
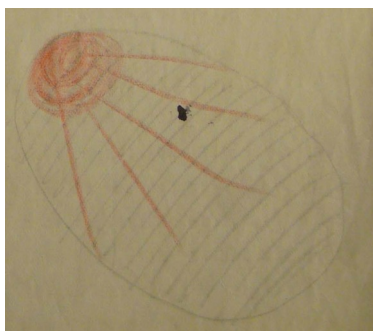
Ele queria divulgar do seu jeito ao mundo o segredo do Cristo. Mas há quem quer esconder as ligações do Cristo, esse Sol espiritual, com o Sol físico. É por isso que certos detentores do poder ficam extremamente furiosos quando alguém fala das ligações do segredo do Cristo com o segredo do Sol. Aí então surgem todos os tipos possíveis de difamações. Mas, como os senhores podem ver, na atualidade a Ciência Espiritual é uma questão importante. Só quem a observa como uma questão importante pode vê-la com toda a seriedade que ela merece.

\* GA 202 A ponte entre a espiritualidade do mundo e o físico do ser humano. A busca da nova Ísis, a divina Sofia Rudolf Steiner Verlag quarta edição Dornach 1993.

## Desenho e quadros sinóticos da conferência de 18 de dezembro de 1920



{NT: as fotos acima mostram o desenho e os quadros sinóticos originais, que ocupam uma página dupla do livro *Rudolf Steiner Wandtafelzeichnungen zum Vortragswerk VI*, páginas 26 e 27, Rudolf Steiner Verlag, Dornach, 1989. Na primeira foto acima, vê-se o desenho, desdobrado em quatro desenhos na GA 202 e reproduzidos nas páginas 8 e 9. Eles são da autoria de Leonore Uhlig, a partir dos desenhos de Rudolf Steiner, feitos durante a conferência em papel preto colado ao quadro negro. É curioso que os desenhos de Leonore Uhlig não conferem com o único original de Rudolf Steiner. Mais curioso ainda é que, na transcrição datilografada da conferência, só foram incluídos os dois desenhos a lápis de cor abaixo reproduzidos, que correspondem aos desenhos III e IV da única edição da GA 202.}



## Tradução da chamada “Meditação do éter calórico”<sup>NT</sup>

### Preparação: como encontro o bem?

1. Posso pensar o bem?

Eu não posso pensar o bem.

Meu corpo etérico provê o pensar.

Meu corpo etérico age no elemento líquido do meu corpo.

Portanto, eu não encontro o bem no elemento líquido do meu corpo.

2. Posso sentir o bem?

Posso sentir o bem, mas, na verdade, ele não está aí graças a mim, pois eu somente o sinto.

Meu corpo astral provê o sentir.

Meu corpo astral age no ar que circula pelo meu corpo.

Portanto, no ar do meu corpo eu não encontro o bem que existe graças a mim.

3. Posso querer o bem?

Eu posso querer o bem,

Meu Eu provê a volição.

Meu Eu age no éter calórico do meu corpo.

Portanto, no calórico posso realizar fisicamente o bem.

### Eu sinto a minha humanidade no meu calórico

1. Eu sinto luz no meu calórico.

(Prestar atenção para que essa sensação luminosa se manifeste na região onde se localiza o coração físico).

2. Eu sinto a substância universal ressoando no meu calórico .

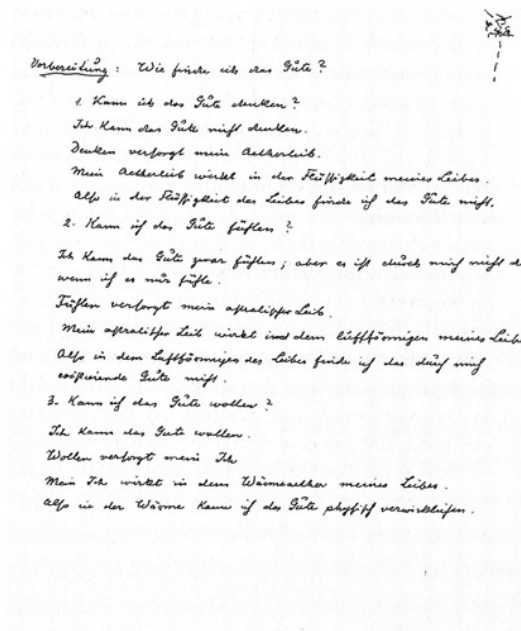
(Prestar atenção para que essa singular percepção do som se espalhe por todo o corpo, do abdome à cabeça).

3. Eu sinto na minha cabeça como a vida universal se faz sentir no meu calor.

(Prestar atenção para que essa singular percepção vital se espalhe a partir da cabeça pelo corpo inteiro).

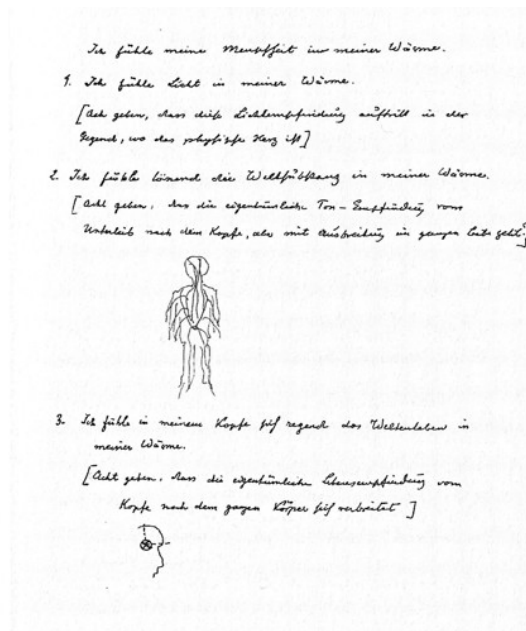
NT: Steiner utiliza indistintamente “éter calórico” e “calor” como sinônimos. Minha tradução se baseia nos facsímiles disponíveis no livro *Die “Wärme-Meditation”, Geschichtlicher Hintergrund und ideelle Beziehungen*, Peter Selg, segunda edição 2006 Verlag am Goetheanum Dornach páginas 68 e 69. Segundo Selg, esses documentos se encontram no arquivo de Editora Verlag am Goetheanum. Os mesmos documentos foram publicados no GA 268 - *Exercícios anímicos, mantras II 1903 – 1925*, Rudolf Steiner Rudolf Steiner-Nachlaßverwaltung páginas 296 e 297, notas de arquivo respectivamente números 3221 e 4470, Dornach primeira edição 1999. Há diferenças entre os facsímiles divulgados por Selg e os documentos reproduzidos na GA 268, conforme explico na nota da página seguinte.

## Os originais da chamada “Meditação do éter calórico”



Handschrift Rudolf Steiners  
Seite 1

68



Handschrift Rudolf Steiners  
Seite 2

69

NT: Observa-se nestes documentos que Rudolf Steiner não deu qualquer nome à meditação, bem como não atribuiu o título (“Para os médicos antroposóficos”) nem incluiu a observação (“Para Helene von Grunelius para os médicos, outono de 1923”), acréscimos de autoria do editor da GA 268. Peter Selg, autor do livro citado na página anterior, rebate que a meditação fora entregue à então estudante de Medicina Helene von Grunelius, polêmica que foge do âmbito desta tradução.